

## CHAPTER XI

### THE REPRESENTATION OF PATRIARCHY IN THE SMALLEST WOMAN IN THE WORLD, BY CLARICE LISPECTOR

#### A REPRESENTATIVIDADE DO PATRIARCADO EM A MENOR MULHER DO MUNDO, DE CLARICE LISPECTOR

DOI: 10.51859/amplla.sset.2124-11

Daniela Katêrine de Oliveira <sup>1</sup>  
Sebastião Marques Cardoso <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Aluna regular do programa de Mestrado em Ciências da Linguagem – PPCL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Mossoró, Brasil.

<sup>2</sup> Professor orientador do Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem – PPCL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Mossoró, Brasil.

#### ABSTRACT

The objective of this article is to analyze, through a qualitative approach, the representation of black women in society and the unequal gender relations in the short story *The Smallest Woman in the World*, by Clarice Lispector, which is part of the book *Family Ties: Short Stories* (LISPECTOR, 2009). To this end, in our bibliographic research, we resorted to the studies of Bonicci (2005), Spivak (2010), Lugones (2014), mainly. Clarice focuses on the result of domination in gender relations, as well as the feeling of possession in relation to the other. In addition, it highlights the encounter of the center with the periphery, represented by the characters Marcel Petre and Little Flower, from a critical view of the colonial ideology and patriarchy that materialize in various ways in Western society, causing a certain strangeness in relation to a pattern that is not normal. In this way, in the short story in question, Clarice raises reflections on the outdated values linked to the role of the female figure, preventing her from realizing herself as a subject, which can be seen in the subordination of the character Little Flower.

**Keywords:** Black woman. Postcolonialism. Patriarchy. Colonial ideology. Clarice Lispector.

#### RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar, por meio de uma abordagem qualitativa, a representação da mulher negra na sociedade e as relações desiguais de gênero no conto *A menor mulher do mundo*, de Clarice Lispector, que integra o livro *Laços de Família: Contos* (LISPECTOR, 2009). Para tal, em nossa pesquisa bibliográfica, recorremos aos estudos de Bonicci (2005), Spivak (2010), Lugones (2014), principalmente. Clarice enfoca o resultado da dominação nas relações de gênero, bem como o sentimento de posse em relação ao outro. Além disso, evidencia o encontro do centro com a periferia, representados pelos personagens Marcel Petre e Pequena Flor, a partir de uma visão crítica sobre a ideologia colonial e o patriarcalismo que se materializam de diversas formas na sociedade ocidental, ocasionando uma certa estranheza em relação a um padrão nada normal. Desta forma, no conto em questão, Clarice suscita reflexões acerca dos valores ultrapassados atrelados ao papel da figura feminina, impedindo-a de se realizar como sujeito, o que pode ser constatado na subalternização da personagem Pequena Flor.

**Palavras-chave:** Mulher negra. Pós-colonialismo. Patriarcalismo. Ideologia colonial. Clarice Lispector.

## 1 INTRODUÇÃO

Nossa pretensão para com este artigo é analisar o conto *A menor mulher do mundo*, de Clarice Lispector, sob uma perspectiva crítica da representação da mulher negra na sociedade da época.

Nesse sentido, percebe-se que o conto retrata uma realidade histórico-cultural da época mostrando a figura feminina negra como sujeito subalterno; submisso; secundário, como nos sugere a colocação e aparição da personagem na obra e, a figura masculina como sujeito dominador. O desenvolvimento da personagem ao longo da narrativa sugere um contexto de uma sociedade patriarcalista, machista e opressora, em que o papel da mulher é questionado.

A personagem Pequena Flor é um exemplo de tentativa da figura feminina negra em ter o seu espaço em uma sociedade culturalmente opressora e machista da época, que ainda perduram na nossa atualidade. Nesse contexto, compreender a sociedade colonizada da época, assim como os aspectos advindos dessa relação de dominação, onde de um lado temos a figura masculina, e do outro, a figura feminina e sem voz, deve ser algo buscado. Os preconceitos que se geram ao redor da mulher, objetificando-a, diminuindo-a, deixando-a silenciada, engendram não somente as questões de gênero, mas perpassam as relações políticas, sociais e culturais.

Desse modo dividimos o artigo em dois tópicos, os quais irão abordar, o silêncio como uma forma de expressividade, as diferenças de gênero masculino e feminino, bem como as relações de poder e a representatividade da figura feminina negra na sociedade a partir da análise do conto *A menor mulher do mundo*, de Clarice Lispector. Será uma análise de caráter reflexivo sobre a figura da mulher subalterna representada pela personagem Pequena Flor, construída por Clarice Lispector.

. Essa literatura atém-se para a figura da mulher negra, afetada por uma sociedade opressora, dominadora e patriarcalista, mostrando assim, a mulher como sujeito submisso e secundário, desenhando uma realidade histórica e social do encontro do centro com a periferia.

## 2 O SILÊNCIO COMO LINGUAGEM NOS TEXTOS CLARICEANOS

Clarice Lispector, mulher judia, imigrante soviética adotou Recife como sua terra natal, pois como sabemos, os judeus eram alvo de perseguições e não podiam revelar sua nacionalidade e religiosidade. Hoje, sabemos que quem mais sofre

preconceito são pessoas negras, pobres, judias, nordestinas, imigrantes entre outros. E, como ela foi alvo dessa discriminação, não podia elencar muito sobre sua nacionalidade nos seus textos, ou seja, era também silenciada, vai construindo-a em poucos traços. Nesse caso, assim como ela, a personagem pigméia Pequena Flor sofre preconceito quando esta é apresentada à civilização.

Clarice Lispector é uma autora que escreve e insere-se na sua própria escrita, fazendo com que o leitor, através de sua linguagem, entre em profunda reflexão sobre o ser e a palavra e ultrapasse o superficial da língua. Sua escrita e linguagem está sempre sendo confrontada com o ser, ou seja, seus personagens sempre trazem reflexões acerca de si mesmo e o mundo em que está inserido, mostrando inquietações individuais.

A escrita clariceana é inigualável e única, pois ela detém o domínio da palavra sobre o mundo. Sua escrita é dotada de uma força significativa que resgata o próprio ser personificado e o silêncio traz uma inquietação ao ser revelando o que há de mais humano como conflitos internos, desejos, sofrimentos, alegrias. Ou seja, em suas obras está sempre marcado um conflito entre o ser, sua comunicação com o mundo e com si próprio. “Assim, a linguagem tematizada na obra de Clarice Lispector, envolve o próprio objeto da narrativa, abrangendo o problema da existência, como o problema da expressão e da comunicação”. (NUNES, 1969, p.130)

As personagens clariceanas surgem através de um cotidiano clichê e passam a se tornar únicos, diferenciados pelas suas próprias inquietações na busca do encontro com o seu eu interior, de se encontrar como sujeitos e entender o seu lugar no mundo. A partir disso, o silêncio passa a se tornar uma forma de linguagem nos textos clariceanos, já que os personagens enfrentam inquietações individuais as quais não conseguem expressar ao mundo. Dessa forma, o silêncio passa a ser elemento chave dos textos de Clarice Lispector

Viver não é relatável: o momento da vivência, instantâneo, escapa à palavra que expressa. Viver não é visível: a narrativa, enlace discursivo de significações, recria aquilo que se quis reproduzir. E como reproduzir o instante de êxtase, mudo, sem palavras, que remonta a um mundo não verbalizado? (NUNES, 1988, p. XXVII)

É o que acontece no momento em que os dois personagens se confrontam mostrando, apesar de estarem frente a frente, a distância entre os dois mundos ali representados. O francês representando a elite dominante e Pequena Flor representando uma tribo em extinção. O silêncio impera no local, pois o francês de

Marcel Petre de nada lhe serve ali naquele momento já que Pequena Flor de nada entende. E ele, compreende pouco de sua linguagem mínima, assim como o seu povo. Para se comunicar-se com ela, Marcel “Aprendera a entender algumas das poucas palavras articuladas da tribo, e a interpretar os sinais. Já conseguia fazer perguntas” (LISPECTOR, 2009, p. 39). A fala bem elaborada do cientista nos mostra uma divergência com o quase silêncio de Pequena Flor, porém, é graças a esse quase silêncio que o explorador não consegue se apropriar internamente dela, ele só consegue apreender e descrever o seu exterior, da sua essência e valores, não consegue se apoderar.

No conto, uma das descrições feitas à Pequena Flor é de ser “calada”, o que não é de se admirar, pois nesses contextos sociais, mulheres não tinham direito à fala e, principalmente, uma mulher negra. Spivak nesse caso, “duvida da possibilidade de fala na *mulher subalterna* (duplamente submissa) e, extensivamente, em todo e qualquer nativo colonizado” (BONNICI, 2005, p. 54).

Desse modo, podemos dizer que o silêncio estabelecido entre eles é o mesmo que ocorreu durante séculos nas relações de colonizador *versus* colonizado. Os colonizadores exploráveis e o colonizado silenciado mostra a dominação de poder dentre as relações coloniais.

## 2.1 A subalternização da mulher negra

A figura da mulher na sociedade vem desde muito tempo atrás sendo vista como um objeto de exibição e de desejo perante os olhos da sociedade. No período colonial, por exemplo, as mulheres negras serviam de escravas e “executavam as mesmas tarefas dos homens” e “era usada como instrumento de prazer sexual do seu senhor, podendo até ser alugada a outros senhores” (TELES, 1999, p. 21). Era realmente tida como um objeto sem valor que com o corpo tudo pode, e, sem posicionamento crítico na sociedade. Era um sujeito subalterno. De acordo com Almeida (2010, p.13), “o termo pode ser resgatado, retomando o significado que Gramsci lhe atribui ao se referir ao “proletariado”, ou seja, aquele cuja voz não pode ser ouvida.” Um ser que não tinha vez e nem voz.

Sobre a perspectiva de Spivak, a mulher subalterna encontra-se em uma profunda obscuridade e a perda de voz é uma consequência e a sua dupla exclusão faz com que seja tida como objeto de interferência. (SPIVAK, 2010, p.70-101).

Constata-se nesse caso de Pequena Flor, em *A menor mulher do mundo*, que, ela foi amplamente excluída e simplificada a um objeto a ser explorado.

[...] - como uma caixa dentro de uma caixa, dentro de uma caixa – entre os menores pigmeus do mundo estava o menor dos menores pigmeus do mundo [...] uma mulher de quarenta e cinco centímetros madura, negra, calada. “Escura como um macaco”, informaria ele à imprensa, e que vivia no topo de uma árvore com seu pequeno concubino. (LISPECTOR, 2009, p. 36)

Constatamos aqui que a personagem por ser uma mulher negra e selvagem é uma figura subalterna e exótica para o explorador: homem branco, civilizado e dominador. Os dois são figuras totalmente contrárias, ele refletindo a civilização e ela, a selva, a periferia. Com isso, surge no pesquisador um forte desejo de dominação, pois à sua frente encontra-se uma figura diferente dele e de seu povo, “A racinha de gente, sempre a recuar e a recuar, terminou aquarteirando-se no coração da África, onde o explorador afortunado a descobriria.” (LISPECTOR, 2009, p. 36). Ele a tratou como sendo um objeto a ser explorado, como fala o texto, por isso fica extasiado com tamanha “descoberta”. Ele a observa e a explora, publicando uma foto sua em tamanho natural no jornal de domingo e nomeando-a, já tomando posse. Marcel Petre a exhibe não só por se tratar de uma superioridade de cor, mas também por uma inferioridade de gênero na qual a figura feminina se torna inferior à masculina.

Enalteçamos aqui a forma como o sujeito civilizado vê a mulher negra: como um sujeito subalterno, sem vez e sem voz como SPIVAK, (2010) afirma em seus estudos. Um sujeito totalmente passível de apoderamento, pois como não faz parte de seu povo, não está comparado à eles em questão de cor, raça e cultura, acaba se tornando uma figura díspar, pertencente a camada mais baixa da sociedade civilizada, a periferia. Dessa forma, podemos então refletir sobre a visão das pessoas brancas em relação às pessoas de cor negra, especialmente as mulheres, que são vistas como objetos e como figura passível de dominação por ser inferior a figura masculina. Spivak, afirma ainda que,

[...] apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se [...] o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”. (SPIVAK, 2010, p.85)

Nesse ponto podemos observar o contexto social em que a figura da mulher negra encontra-se diante de uma sociedade. A personagem Pequena Flor é um exemplo de como a figura feminina negra é vista em uma sociedade culturalmente

opressora, racista, dominadora e machista da época, mostrando como se dava as relações de poder dos colonizadores, motivados pelo desejo de possuir tudo ao redor e que esses traços ainda perduram na nossa atualidade, deixando a figura feminina silenciada, inferiorizada, submissa. Apesar de tantos direitos já garantidos.

## 2.2 *Diferenças de gênero: figura do homem como ser dominador*

A representatividade da figura feminina como gênero inferior ao masculino é um fato que ainda hoje perdura claramente em nossa sociedade, desde questões salariais quanto a casos mais graves e absurdos como à violência à mulher e os feminicídios que crescem em números alarmantes na nossa sociedade. Esse fenômeno ocorre principalmente à mulheres negras em que a taxa de homicídios se apresenta em maior número e em alto índice de crescimento.

Diante disso, não é tão difícil encontrar na literatura histórias representando abusos, dominações e violência sexual contra mulheres e, principalmente, com mulheres advindas de classe social baixa e negras. É possível perceber, de forma clara, o tamanho da desigualdade de gênero em relação a figura masculina sob a figura feminina, exercendo uma relação de poder construída historicamente por motivos de características de submissão por uma sociedade patriarcal, opressora, machista e racista na qual a metrópole explora a colônia.

Spivak desvela o lugar incômodo e a cumplicidade do intelectual que julga poder falar pelo outro e, por meio dele, construir um discurso de resistência. Agir dessa forma, Spivak argumenta, é reproduzir as estruturas de poder e opressão, mantendo o subalterno silenciado, sem lhe oferecer uma posição, um espaço de onde possa falar e, principalmente, no qual possa ser ouvido. (ALMEIDA, 2010, p. 14)

A inferioridade da figura feminina na sociedade é observada ao longo da história, a qual foi ganhando seus direitos pouco a pouco através de muitas lutas. E, por ser um processo construído historicamente e discursivamente está profundamente enraizado no pensamento das pessoas, nas relações sociais e em seus modos de vida. Por isso, a desigualdade, a violência e relações de posse costumam ser temas recorrentes na literatura, pois como diz Antonio Cândido (2000) a literatura é o espelho da sociedade, reflete o que se passa no real.

O conto nos traz uma história narrada em terceira pessoa, em ordem cronológica. Na narrativa, Marcel Petre segue em exploração nas profundezas da África e encontra os menores pigmeus do mundo bem no interior do Congo Central.

É nesse momento que ele se depara com uma mulher negra muito pequena com 45 cm de altura, grávida, que morava com seu cuncubino em uma árvore. Ele excepcionalmente encantado, a chama de Pequena Flor e divulga uma foto sua em uma matéria de jornal “Enrolada num pano, com a barriga em estado adiantado. O nariz chato, a cara preta, os olhos fundos, os pés espalmados. Parecia um cachorro.” (LISPECTOR, 2009, p. 37). Longe das profundezas da floresta, a imagem de Pequena Flor choca várias pessoas do ocidente ao vê-la em tamanho natural.

No coração de cada membro da família nasceu, nostálgico, o desejo de ter para si aquela coisa miúda e indomável, aquela coisa salva de ser comida, aquela fonte permanente de caridade. [...] E, mesmo, quem já não desejou possuir um ser humano só para si? [...]. (LISPECTOR, 2009, p. 38)

O sentimento de posse se manifesta de várias formas a partir das perspectivas de cada ser que lê a matéria, manifestado pela estranheza de um padrão nada normal àquela civilização.

A teoria pós-colonial mostra estudos sobre influências sofridas por um povo colonizado desde o início até os nossos dias atuais. Desse modo, a crítica colonial envolve a literatura que também foi alvo da dominação européia. No conto *A menor mulher do mundo*, Clarice enfoca resultados de dominação presentes nas relações de gênero, bem como o sentimento de posse em relação ao outro. Ela mostra o encontro do centro com a periferia, representado pelos personagens Marcel Petre e Pequena Flor.

Marcel Petre é um personagem cuja nacionalidade francesa traz a ideia de um povo dominador e, sua profissão (explorador), confere ao texto um duplo sentido. Ele excepcionalmente encantado e “Sentindo necessidade imediata de ordem, e de dar nome ao que existe, apelidou-a de Pequena Flor” (LISPECTOR, 2009, p.36. O nome dado a ela nos remete ao pensamento de características como ser frágil, indefeso, delicado, que necessita dos cuidados de outro. Ou seja, na tentativa de colonizá-la, o explorador já estava moldando-a como um ser inferior, buscando estabelecer uma relação de poder e de patriarcado. Isto é, estava colocando cada ser em seu lugar, como numa hierarquização, ele por ser francês estava acima dela, que era uma mulher negra, considerada um ser primitivo.

Toda essa construção de pensamento e sociedade racista, opressora em que a figura feminina é inferior veio do período da colonização que teve um efeito nefasto para a nossa sociedade e que persiste até hoje pelo fato de ter atingido o seu maior

objetivo: de que os seres colonizados necessitavam ser dominados. Como diz Lugones: [...] o processo de colonização inventou os/as colonizados/as e investiu em sua plena redução a seres primitivos, menos que humanos, possuídos satanicamente, infantis, agressivamente sexuais, e que precisavam ser transformados. (LUGONES, 2014, p. 941).

A própria semelhança entre Pequena Flor, Marcel Petre e as pessoas que visualizaram sua foto no jornal do domingo, mostra também as diferenças entre os dois mundos, civilizado e selvagem, que fazem aflorar todos os tipos de sentimentos mais obscuros que uma pessoa pode ter na presença de outro. Como é o caso de uma família que a deseja como objeto

- Mamãe, e se eu botasse essa mulherzinha africana na cama de Paulinho enquanto ele está dormindo? Quando ele acordasse, que susto hein! Que berro, vendo ela sentada na cama! E a gente então brincava tanto com ela! A gente fazia ela o brinquedo da gente hein! (LISPECTOR, 2009, p.37).

Pequena Flor é sempre vista, por cada ser que observa a sua foto, como um brinquedo, um bicho ou objeto, mas jamais como um ser de total iguaria.

A partir daí, Clarice começa a mostrar uma ideologia colonial e patriarcal com relações de poder entre as relações sociais e de gênero. O pesquisador no momento em que vê a pigméia, tenta tomar posse através da nomeação, quando passa a chamá-la de *Pequena Flor* numa tentativa de colonizá-la. Ou seja, ele mostra um sentimento de posse, uma certa dominação baseada em pressupostos advindos de tradições de uma cultura ocidental onde o discurso é elaborado com o intuito de favorecer as elites dominantes e, os estereótipos, principalmente o de raça, foram criados para assegurar o poder de dominação.

As pessoas de raça negra foram estereotipadas pelos europeus como primitivas, este é o caso de Pequena Flor, percebemos isto quando o narrador diz “Foi, pois, assim que o explorador descobriu, toda em pé e a seus pés, a coisa humana menor que existe. Seu coração bateu porque esmeralda nenhuma é tão rara.” (LISPECTOR, 2009, p. 36). Marcel Petre diz “descobrir” a menor mulher do mundo, como se ela não tivesse vida própria antes dele chegar, como se só existisse em função dele (o ser colonizador). E, para se tornar realidade tinha que ser classificada por ele a partir de suas realidades engedradas em padrões e culturas ocidentais, européias. Como o narrador mesmo cita “E, para conseguir classificá-la entre as



realidades reconhecíveis, logo passou a colher dados a seu respeito.” (LISPECTOR, 2009, p. 36).

Dessa forma, percebemos então que o Ocidente mantém um desejo de posse e um certo estranhamento ao tratar de realidades diferentes às suas e de querer o outro como sujeito subalterno por não pertencer à sua realidade, às suas características, sociedade, costumes e cultura. Por isso, ela, a sociedade Ocidental, organizou o mundo se construindo em contraste com o outro. No conto isso é expresso através das personagens e suas características, mostrando um sistema opressor e patriarcalista que se baseia no intuito de se apoderar do outro: o explorador, homem branco, *versus* a mulher negra africana (grávida), um ser dominador e o outro, um ser vulnerável, frágil.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho percebemos o quanto é importante análises para se compreender o contexto social histórico de uma sociedade através das relações sociais representadas pela dominação do homem e subordinação da mulher negra em uma sociedade opressora, racista e patriarcalista.

Essa análise nos permitiu compreender o poder de dominação elencado pelo personagem Marcel Petre em relação a personagem Pequena Flor e, também de toda uma sociedade culturalmente patriarcalista e dominadora que queria fazer dela objeto. A desigualdade de gênero é fortemente associada a compreensão de mundo e culturas opressora, racista e patriarcalista enraizadas na nossa sociedade atual, que vem desde muitas eras atrás e que faz com que o desejo de apropriação do outro e temas como a violência e o preconceito contra mulheres negras ainda permaneçam até hoje.

Sendo assim, podemos concluir que esses pensamentos vêm desde o processo de colonização que tinha a mulher como ser satânico para manter poder sobre o corpo, a liberdade e a vida das mulheres negras. Portanto, os processos de dominação patriarcal elencados no conto *A menor mulher do mundo* remetem à realidade a qual os sujeitos estão inseridos e que são renovados até hoje na nossa sociedade, que julga a mulher pelo jeito de se comportar ou se vestir e tenta manipular a figura feminina, na tentativa de torná-la um sujeito subalternizado, sem vez e sem voz. Portanto, é necessário que as “Pequenas Flores” da nossa realidade continuem com suas lutas para o enfrentamento de uma mudança de pensamentos coloniais

opressores e dominadores. Para que possam romper com invisibilidades, silêncios e possam reconstruir sua existência, tornando-se sujeitos passíveis de serem ouvidas e bem tratadas na sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. R. G. Prefácio: apresentando Spivak. In G. Spivak (2010) **Pode o subalterno falar?** (p. 7-18), Belo Horizonte, Brasil: Editora UFMG, 2010.
- BONNICI, T. 2005. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem.
- BOSI, Alfredo. (org). **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 2008.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família: contos* [recurso eletrônico]. – 1 ed. - Rio de Janeiro: Rocco digital, 2009, p. 36 -39
- GANCHO, Cândido Vilares. **Como analisar narrativas**. 7ª ed. Editora: Ática
- HOLLANDA, Heloísa Buarque, ed. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Bazar do Tempo, 2020.
- LUGONES, M. *Rumo a um feminismo descolonial*. Estudos feministas, Florianópolis, 22 (3): p. 935-952, setembro-dezembro, 2014.
- MARTINS, Wilson. *Pontos de vista: crítica literária*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1992. v. 3.
- NUNES, Benedito. *O dorso do Tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- \_\_\_\_\_. (Coord.) *Clarice Lispector: A paixão segundo G. H.* Edição Crítica. UFSC: Florianópolis, 1988.
- SOUZA, Luzirene. Análise do conto A menor mulher do mundo. In: Web Artigos. 2017
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar**. UFMG, 2010.
- TELES, Maria Amelia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999. 1º reimpr. da 1º ed.